

**O
FO DA
É ISSO!**

● REC



**KARLY
MARQUES**

**FODA
É ISSO!**

OS BASTIDORES DA MINHA JORNADA
ATÉ O SUCESSO PROFISSIONAL



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Karly Marques, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Raquel Escobar

ANÁLISE CRÍTICA
Márcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Carol Palomo

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Marques, Karly.

O foda é isso / Karly Marques. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-36-6

1. Literatura brasileira 2. Relato pessoal I. Título

CDD: 869



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

*Aos que ficaram e aos que eliminei
da minha vida, obrigada!*

A PESSOA POR TRÁS DAS LENTES E DO LIVRO

“Karly Marques” é muito mais do que uma marca, um nome reconhecido ou um CNPJ: é um ser humano cheio de beleza e complexidade.

É alguém que não recebeu seu “lugar na fila” do reconhecimento com uma senha concedida por outra pessoa, mas que deu a cara a tapa para a vida para conquistá-lo com muita garra e paixão.

Karly é alguém que chora, que ri, que sofre, que se alegra, que perde, que ganha, que acerta e que erra. Karly não tem medo de mudar. Mas, dentre todas essas metamorfoses, tem uma única constante que não muda: não desiste de sonhar e de ir à luta pelo que quer, sem abrir mão dos seus valores e daquilo em que acredita.

Em seus primeiros meses de atuação na fotografia, já foi convidada para palestrar em um dos maiores congressos da América Latina, e, desde então, continua evoluindo e expandindo seu nome por todo o mercado, conquistando um público que admira seu trabalho, bem como alunos espalhados por todo o Brasil em seus cursos e workshops.

Karly é, sim, uma mulher de sucesso, mas, mais do que isso, é uma mulher que entendeu do que o sucesso se trata e que felicidade não é o prêmio que se recebe no fim da corrida, mas a forma de continuar correndo por uma estrada que, enquanto houver vida, não tem fim.

Karly é digna da minha admiração. Da sua. Da nossa.

É gente como a gente. É o que quer ser.

E, sabe, é bonito acompanhar gente assim: que também inspira a gente a ousar querer crescer.

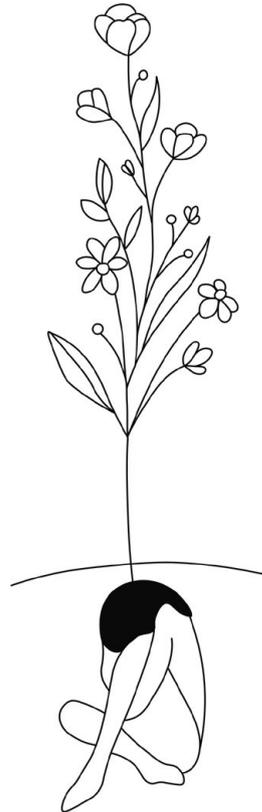
Ghiovana de Castro

INTRODUÇÃO

O que tem por trás?

De tudo que as pessoas buscam na vida, a palavrinha mágica “sucesso” está no topo do ranking, sem dúvidas. Seja para um relacionamento de sucesso, uma imagem de sucesso ou, principalmente, uma carreira de sucesso, todo mundo está procurando por esse dito-cujo, mesmo sem às vezes saber do que se trata. Afinal, o que é o sucesso? É um lugar a que se chega? É um caminho que se trilha? É algo que se constrói com as próprias mãos e suor?

Este livro não traz uma receita pronta para o sucesso, não existe um passo a passo para “chegar lá”. Além disso, precisamos enfiar na cabeça que sucesso não é uma conta matemática em que o resultado é igual para todos — cada um tem a sua própria definição e forma de calcular.



Portanto, este livro não é sobre passos a serem imitados nem simplesmente sobre a “linha de chegada”: é sobre o trajeto pessoal e singular que vem antes, que quase ninguém vê; o peso da responsabilidade que vem durante, que ninguém se prepara para assumir; o limbo do depois, na vida “pós-sucesso”, que ninguém espera encontrar do outro lado do título de “bem-sucedido”.

Isso porque, se tem uma coisa que aprendi ao atravessar essa ponte é que tirar os filtros da nossa vida para mostrar também os nossos calos, olheiras e até os danos psicológicos que às vezes vêm no pacote faz parte de entender do que se trata chegar até aqui; que preparar os outros para carregar responsabilidade e maturidade na mochila dessa trilha pode ajudá-los a ter uma travessia menos difícil e fantasiosa, para abraçar com consciência o que os espera do lado de cá.

Com isso, também não quero dizer que já zerei a vida e não tenho mais nada a aprender ou conquistar. Afinal, outra coisa que entendi nesse percurso e pude sentir na pele é que o ser humano foi feito para continuar sonhando, então, independentemente de aonde chegarmos, sempre iremos construir sonhos novos e desejar ir um pouco mais longe.

De qualquer forma, sei que, ao mostrar os bastidores da minha caminhada e compartilhar as lições que aprendi nos trechos que já trilhei, posso inspirar você a também continuar caminhando, para seja lá onde que você considere um “lugar de sucesso”.

O famoso “quem vê close não vê corre” pode ser só um *meme*, mas representa muito da minha história, que você conhecerá nas próximas páginas, e também a de milhares de outras pessoas que temos como referências e alvos de admiração — até inveja — sim-

plesmente por vermos os lugares que alcançaram e ocupam. Mas, na maioria das vezes, não conhecemos os calos em seus pés e tudo que venceram antes mesmo de carregar a faixa de “vencedores” e posarem para o mundo como tais.

Depositei aqui, em cada capítulo, a minha humanidade, meus perrengues, os momentos em que quebrei a cara, que fui subestimada, que achei que não ia dar conta e as muitas vezes que me perdi.

Mas nestas páginas também estão os momentos em que me encontrei, que me levantei e que dei a cara a tapa, mesmo contra tudo e todos que não acreditavam no que sempre acreditei: nasci para ser uma mulher foda e ter uma vida foda!

Porém, existe algo que eu entendi — e meu desejo aqui é que você também entenda: ser foda não é fácil. Sonhamos tanto com um caminho sem obstáculos, mas, no fim, descobrimos que desafio todo mundo enfrenta, mas só gente foda sabe vencer o problema sem se tornar um problema.

Sonhamos tanto com um caminho sem obstáculos, mas, no fim, descobrimos que só tem sucesso mesmo quem passa pelos problemas da realidade, mas preserva a coragem de viver e sonhar sem se tornar refém disso.

E, meu amigo... o foda é isso!

**TEM COISA QUE MUDA
E TEM COISA QUE NÃO.
ALGUMAS MUDAM, E É UM
ALÍVIO, ENQUANTO OUTRAS
MUDAM, E É DESPERDÍCIO.**

CAPÍTULO I

E a sua criança, é o quê?

Sempre falo para as pessoas que errar na vida nos ensina muito. Claro, precisamos nos permitir crescer e amadurecer com cada um deles. Posso dizer que erre muito, sim, e aprendi na mesma proporção. Mas se tem uma coisa que acerto desde criança é em compreender que ainda é melhor aprender com o equívoco dos outros.

Mesmo que de uma forma meio torta e contrária ao esperado, meus pais me ensinaram muito. Cresci em uma casa em que nunca existiu muita conversa nem afeto — meus dias nunca tiveram nenhuma rotina, do tipo acordar e tomar café da manhã em família, com “bom dia, filha”, “bom dia, pai; bom dia mãe” nem nada parecido com essas coisas que vemos em comercial de margarina. Na minha família nunca existiu esse tipo de relacionamento, e, como descrevi por muito tempo na terapia, era tudo “muito sem cor”, como um mundo preto e branco, em que cada um vivia no seu quadrado.

A minha vida só começou a de fato ganhar as cores que tanto me faziam falta conforme fui crescendo e me libertando de todos os sentimentos negativos de ausência e negligência que aprendera a cultivar. A partir disso, cada mágoa de que abri mão era como um buraco sombrio que se fechava, cedendo espaço para uma coisa nova e colorida brotar no lugar. Mas certamente levou um

tempo, e ainda tem muita coisa sendo substituída e florescendo por aqui — felizmente.

Na época ainda menina, eu vivia e absorvia muito do que observava em casa, na vida dos meus pais, e, mesmo sem saber ao certo como explicar, não concordava com o que via, porque não me parecia certo. Então, conheci na prática, desde muito nova e antes mesmo da teoria, essa lição de aprender com o erro dos outros, porque eu olhava à minha volta e pensava: *não vou fazer assim, porque não quero viver isso.*

Por isso digo que, de um jeito ou de outro, a vida dos meus pais me ensinou pra caramba, nem que tenha sido o que eu não deveria fazer. Foi essa prática de observar os erros das pessoas, em uma tentativa de não os reproduzir e evitar falhar e me machucar, que ajudou a formar quem eu sou hoje, assim como foi de grande importância para moldar o meu caráter, minhas metas e meus princípios.

Por conta da ausência dos meus pais — meu pai por realmente nunca ter me dado valor quando morávamos juntos, e minha mãe por precisar trabalhar muito e não ter tempo para mim, já que, para ela, era importante que eu tivesse tudo que ela não havia tido, em especial a educação —, eu passava muito tempo com a minha vó, e foi com ela que aprendi realmente a amar, mesmo que de forma mínima, e a demonstrar um pouco mais dos meus sentimentos.

Na minha casa, tudo funcionava na base do grito; meus pais brigavam muito e tudo era motivo para escândalo. Eu presenciava todos esses episódios e, a partir deles, fui entendendo o que queria para mim, mas, principalmente, o que não queria. Desde criança, decidi que não queria ser uma pessoa que briga por qualquer coisa, não queria ter o relacionamento tóxico que eles cultivavam e, acima de tudo, não queria ter a mesma vida difícil que eles tinham, em nenhum sentido.

Sempre sonhei em formar uma família, mas não queria que outras pessoas vivessem tudo o que eu vivia. Não queria que meus filhos experimentassem a ausência de sentimento e diálogo e, muito menos, que tivessem a ideia de ser o que os pais não são. Pelo contrário, sempre quis, e ainda quero, ser um exemplo para que eles tenham uma referência de como viver.



É interessante observar que, desde menina, eu já falava que queria ser dona do meu próprio negócio. Na época, era comum encontrar pessoas na minha cidade que tinham mercadinhos e alguns outros negócios locais; por conta disso, pareciam levar uma vida muito mais confortável do que a que eu conhecia.

As meninas da minha escola, por exemplo, eram as filhas desses comerciantes. Mesmo frequentando um colégio público, elas tinham acesso a coisas que eu não podia ter, e, por isso, na minha cabeça de criança criada no interior, ser dona do próprio negócio era sinal de riqueza, e foi o que decidi que queria ter, mesmo sem nem entender direito o que aquilo significava.

Minha jornada como empreendedora começou, antes de tudo, na minha mente e desejo, mas também não demorou muito para se estender para a realidade.

Com catorze anos, ganhei o meu primeiro celular, e na época isso era um sonho para qualquer um. Lembro como se fosse hoje que, quando meus pais me deram o presente, eles disseram assim: “A gente está te dando esse celular, mas a gente não vai sustentar isso, você é que vai ter que trabalhar para colocar crédito e poder usar”.

Ao contrário do que muitos poderiam pensar, para mim não foi uma notícia ruim nem opressora, mas libertadora. Por muito

tempo, minha mãe não me deixou nem lavar um prato em casa, porque dizia que não queria que eu tivesse a mesma vida que ela havia tido, mas que eu focasse nos meus estudos. Por isso, eu era proibida de trabalhar ou gastar a minha energia de qualquer outra forma que não fosse estudar e me empenhar na escola. Mas, quando me disseram que eu precisaria trabalhar para comprar crédito pro meu celular, eu me senti livre para ser quem realmente era: uma pessoa que desejava o trabalho e ambicionava ter um negócio próprio.

Apesar de não ter recebido muita coisa do meu pai, além de um exemplo a não ser seguido, não posso negar que tinha algo nele que sei que foi um dos motivos para esse desejo crescer dentro de mim. Meu pai sempre foi um empreendedor da vida, como costumo dizer: ele sempre vendeu um pouco de tudo e tinha a lábia para falar com as pessoas e convencê-las a comprar qualquer coisa que oferecesse, mesmo que fosse uma bugiganga. Hoje sei que o nome disso é persuasão, mas, na época, era como se fosse um “superpoder” dele.

Sempre me encheu os olhos a forma como ele comprava algo por um preço mais baixo do que vendia. Não o ato do trambique em si, pois, sim, hoje vejo que meu pai era um trambiqueiro, mas a forma como ele usava as palavras para persuadir seus clientes e convencê-los de que era um ótimo negócio. Ele realmente acreditava em seu produto e passava isso para o cliente de uma forma bastante convincente.

Apesar de ausente, minha mãe também me ensinou uma coisa importantíssima que me define muito: nunca fugir da raia, dar a cara a tapa e nunca parar de trabalhar. Ela sempre foi muito trabalhadora e até hoje corre atrás do que quer com muita garra.

Além disso, por mais que não tenha tido as oportunidades certas — que, graças a Deus, eu tive —, ela conseguiu cumprir o seu maior objetivo, que foi me transformar em uma mulher foda.

Hoje vejo que, apesar de todos os erros que cometeu, ela errou tentando acertar e me fazer ser o que sou hoje, então, mesmo que não tenha sido da melhor forma, ela conseguiu e tem grande parte no mérito das minhas conquistas.



Domingo era dia de feira na minha cidade e era muito comum os adolescentes carregarem as compras dos idosos em um carrinho de mão em troca de um valor.

Então, voltando à história, no auge dos meus catorze anos, depois que meus pais disseram que eu poderia trabalhar, peguei um carrinho de mão emprestado com o meu vizinho e fui à feira. Naquele momento, parecia a melhor opção para ganhar uma grana que recarregasse meu celular e me permitisse comprar outras coisinhas, como roupas ou brinquedos, já que, na época, com essa idade, eu ainda era muito criança — apesar de hoje não ser mais assim.

O bizarro é que achei que estava arrasando com a minha ideia.

Logo na primeira compra, de uma senhora, os itens estavam pesados pra cacete e ainda tive que subir uma ladeira gigante para, no fim, ganhar míseros três reais da velha. A pior cagada que fiz na minha vida, confesso.

Resumindo, abortei o plano logo em seguida e concluí que não daria certo, mas, pelo menos, eu tinha os três reais. Foi então que decidi ir à xepa da feira, o espaço em que vendiam as coisas que sobravam a um preço mais baixo. Comprei algumas frutas, verduras e legumes, montei alguns pequenos kits e saí batendo de porta em porta em uma vila perto da minha casa. Lá só moravam

idosos que não conseguiam se locomover muito bem — logo, não tinham como ir à feira. O resultado? Vendi todos os kits e ganhei uma grana foda. Ok, foram só quinze reais, mas, convenhamos, era cinco vezes mais do que eu tinha.

Por um tempo, meu modelo de negócio foi um sucesso: eu fazia a feira, comprava as coisas e levava para esses velhinhos em troca de uma gorjeta que já me recompensava muito bem; afinal, minha vida financeira se resumia a colocar crédito no celular para comprar joguinhos, comprar um lanche legal na escola e ir à Lan House, porque eu não tinha computador em casa.

No entanto, pouco tempo depois, como a empreendedora nata que sou, comecei a ficar muito ambiciosa e achar que estava ganhando pouco, porque não queria só comprar crédito. Poxa vida, eu queria ser rica!

Decidi, então, ir pedir emprego na feira e comecei a trabalhar em uma barraquinha de melancia. Enquanto trabalhava lá, eu me lembrava muito daquela famosa lábia do meu pai de conversar com as pessoas e conseguir fazer com que elas comprassem até as tralhas que ele vendia, então passei a treinar as minhas práticas e estratégias de venda.

Comecei a vender pra caramba e a ganhar muito dinheiro, a ponto de os outros vendedores virem até mim para me elogiar e dizer que não sabiam o que eu fazia para vender daquele jeito — tanto que, quando comecei a vender lá, a barraquinha tinha só um compartimento, e, quando saí, ela já tinha aumentado para três.

Como podem perceber, eu me tornei uma ótima vendedora, mas aquela rotina começou a ficar cansativa demais, porque eu tinha que acordar às quatro da manhã para ir à feira, que começava de madrugada e ia até meio-dia.

Além disso, eu não queria ficar trabalhando para os outros, queria algo meu, e já tinha na cabeça que queria ser minha própria patroa, por isso saí da feira e decidi começar a costurar.

Na minha cidade tem uma espécie de renda chamada “renda de filé”, que é uma costura feita com linha e tear, então lá fui eu, caindo de paraquedas, começar a fazer essa costura; mais uma vez, vendi muito e ganhei uma grana muito boa.

Era impressionante como, já naquela idade, tudo que eu pegava para fazer e vender dava muito certo, mas foi aí que minha mãe interveio e começou a me pressionar. A feira ela aceitava porque era só aos domingos, mas a costura era todos os dias, consumindo muito do meu tempo, que, como já mencionado, ela queria que eu dedicasse aos estudos e à escola.

Por causa dessa pressão, reduzi meu fluxo de produção e comecei a costurar menos. Mas nesse ponto da minha vida eu já havia me interessado pela arte em si, então pensei que podia fazer outras coisas artísticas e monetizar.

A partir dessa ideia, comecei a me matricular em vários cursos: fiz aula de música, de pintura, de escultura em madeira, comecei a me enfiar em tudo que você possa imaginar, e nisso de fazer vários cursos de várias coisas diferentes descobri também o meu gosto pelo ensino, porque via o quanto estava aprendendo com aqueles professores e o quanto também queria fazer isso por outras pessoas.

Foi aí que decidi ser monitora, e, por mais que não estivesse ganhando todo o dinheiro que queria no meu plano de dominação mundial ao estilo “Pinky e Cérebro”, estava fazendo algo que descobri amar: ensinando.

Em meio a todo esse processo, por muitas vezes fui confrontada exterior e interiormente, chegando a acreditar que era mesmo pobre e nunca conseguiria sair daquela vida — então era melhor fazer o que minha mãe dizia e estudar para conseguir um emprego qualquer por aí.

Mas, no meu coração, tinha muita convicção de quem eu era e do que queria. Nunca desisti de ter o meu negócio; pelo con-

trário, sempre inventava uma coisa ou outra para fazer: já vendi desenhos, fui blogueira, fui modelo para uma loja, fui um pouco de tudo que consegui inventar com o que tinha em mãos, mas nunca deixei de arranjar um jeitinho de ganhar dinheiro e ter a minha autonomia financeira.

Foi isso que resumiu grande parte da minha adolescência, e, se pudesse escolher uma das lições mais importantes que consigo tirar desse período, é que o ponto crucial foi compreender o que não queria para a minha vida. Acho que, às vezes, perdemos muito tempo tentando descobrir o que queremos, mas a grande bússola para as nossas decisões está no que não queremos.

Eu não queria seguir o padrão de vida que se resume a um ciclo de entrar na faculdade, conquistar um diploma, casar, ter filhos e viver em uma linha reta e sem desvios — nada contra quem quer, mas eu não me encaixava nisso. E foi a partir disso que entendi o que eu queria. Queria uma coisa que me desse frio na barriga, que me desafiasse, que sempre me trouxesse algo novo, que exigisse de mim mostrar a mulher que eu sabia que era.

Era essa a vida que eu queria ter. Uma vida em que eu fosse a dona, não refém.

Então, na minha cabeça, fiz um plano: vou estudar, me formar, realizar o sonho da minha mãe, porque ela tinha batalhado muito por isso, e depois vou realizar os meus. Afinal, a expectativa de vida de setenta e seis anos está aí para isso, né?

Escolhi acreditar que tinha tempo para fazer as duas coisas: o que as pessoas que importavam esperavam de mim e o que eu esperava de mim mesma. E, olha só, eu fiz, mas isso é papo para daqui a pouco.

O que quero mostrar para você neste capítulo é que, desde menina, a Karly que se mostra ao mundo hoje já estava lá dentro, e acredito que muitas vezes isso acontece com a gente, sabe? Acho que tem muita coisa que, quando criança, sonhamos ser; coisas que não deixamos de sonhar, apenas enterramos debaixo de um caminho de realidade ou expectativas alheias. Mas está aí, em algum canto.

Tem coisa que muda e tem coisa que não. Algumas mudam, e é um alívio, enquanto outras mudam, e é desperdício. Talvez quando era criança você tenha pensado que queria ser astronauta e hoje sabe que, com o seu medo de altura, seria uma burrice. Talvez você tenha pensado que queria ser pediatra, mas cresceu e descobriu que não tem saco nenhum para criança. Que alívio!

Mas talvez você tenha acreditado no que disseram que você deveria ser, e foi. E é até hoje, mesmo sem querer. Ou sem nem saber que não quer. Mas a sua criança está aí, em algum lugar, tentando lembrar você de alguma coisa, então vê se escuta. Cale a boca de todo mundo que tenta ensurdecê-lo para tentar ouvir quem mais importa: você.

Quem a sua criança queria ser? E talvez essa “criança” não se refira só à sua idade, mas à sua inocência, à sua pureza, ao seu desejo genuíno, livre de opiniões, de medo, de insegurança, de traumas, de experiências frustradas. Isso aqui não é para ser nenhuma baita autoajuda também, mas um espelho para você se enxergar e tentar se lembrar do que via antes.

Desde a minha infância, já existia, como uma semente, essa Karly que queria mais, que queria ir além da vida dos pais, além da barraquinha da feira, além da costura; que queria ser empreendedora, ganhar muito dinheiro e viver experiências desconhecidas e, até então, inalcançáveis. Tudo o que fiz foi deixá-la plantada em um lugar dentro de mim em que ela pudesse ser nutrida de esperança e crescer, mesmo contra tudo que tentou podá-la, até que pudesse ser vista por fora como eu já a via por dentro.

Então, que tal voltar a regar o que você tem escondido por aí também?

Esta foi a primeira coisa que minha jornada me ensinou: a acreditar em mim e no que eu sabia que era capaz de viver. Por isso, pergunto para você lembrar e saber: o seu sonho de criança teve que morrer para você crescer? Quem você era de verdade antes de dizerem quem achavam que você deveria ser?

Bora interagir um pouco?

Responda aqui para poder lembrar:

O que você queria ser quando era criança?

Você sabe o que não quer ser e a vida que não quer ter?

Tem algo que você se lembra de sonhar há muito tempo e que continua desejando?

Anote aqui alguma lição ou insight que você teve durante o capítulo I.
